

## **Reflexões sobre a psicanálise e a constituição do sujeito: visitando alguns aspectos significativos<sup>1</sup>**

Ana Cristina de Araújo Vianna<sup>2</sup>

Motivada pelas instigantes reflexões decorrentes da leitura de Joël Dor durante o Seminário de Psicopatologia II, mediadas pela psicanalista Dr<sup>a</sup> Rejane Czermak, procurei transpor para esse momento as reflexões iniciais do seminário que embasaram todos os demais conhecimentos sobre as estruturas e sua importância enquanto “pistas” para melhor conduzir o conhecimento e atendimento do sujeito da psicanálise. Percorro quase como se escrevesse um relato dos tópicos inicialmente abordados no Seminário, uma vez que anseio por deixar registradas as descobertas que fui fazendo no decorrer do semestre.

Ao iniciarmos nossos estudos, tivemos o primeiro exercício que foi visualizar o quanto estamos impregnados de conceitos da modernidade, conceitos cheios de pré-conceitos, de vícios e de limitações ao descrevermos nossas visões pessoais sobre saúde e doença.

O conceito de saúde, construído a partir da modernidade até os dias de hoje, está em nosso imaginário como um estado de equilíbrio, de harmonia consigo e com o ambiente, um estado idealizado de bem-estar. Se pensarmos que equilíbrio não existe, pois estar vivo é estar sendo “afetado”, perceberemos que a estabilidade é ilusória. A saúde é da ordem da complexidade, pois vai depender do modo como o sujeito transita no mundo, como reage aos “afetamentos”, de que forma desenvolve estratégias para lidar com eles. Saúde é muito mais do que não estar doente e por isso classificar nosologicamente as reações dos sujeitos no campo da psique é reduzi-lo a sintomas, é estigmatizá-lo, é encarcerá-lo, é determinar que o sofrimento psíquico é resultado de uma ou algumas causas, em uma relação linear de causa e efeito. Deu-se por iniciada a desconstrução de nossas ideias “modernas”, a fim de podermos acolher o novo. Foi um momento extremamente significativo.

A ferramenta de produção de nosso “estar-no-mundo” é estética, uma vez que advém de um modo singular, muito pessoal com que o sujeito vive. Cada sujeito sente do seu modo próprio. A Psicanálise vai procurar ajudá-lo a sentir suas próprias singularidades. Vai ajudar a desvelar o modo como o sujeito ama. Perguntar-se “que amor é esse?”, “que sofrimento é esse?”, e auxiliar a pessoa a compreender e ressignificar esse modo de amar de forma a não ser gerador de sofrimento é uma das possibilidades da Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada de Estudos de Psicanálise do CPRS. Porto Alegre 7 de dezembro de 2013.

<sup>2</sup> Participante da Formação Psicanalítica do CPRS.

A Psicanálise é a “cura pela fala”, como bem explicitou Freud, mas não uma fala puramente “palavra” desconectada do afetivo. Afinal que palavra é essa que a Psicanálise vai estar ouvindo? Estará ouvindo a palavra dita e também tudo o que nela está implícito. Escutará o dito e também o não - dito que está presente e por vezes se impõe de forma acintosa. Escutará os sons e os silêncios, e toda forma de discurso que aflorar na relação psicanalítica. Escutará também nesse espaço a palavra saturada das “mentiras” e parasitada pelo imaginário, como bem refere Dor. Para ele, esse espaço

*é o lugar aonde vem se exprimir o desdobramento fantasmático; é também aquele em que o sujeito dá testemunho de sua própria cegueira, já que não sabe realmente o que diz através do que enuncia, do ponto de vista da verdade de seu desejo, do ponto de vista então, daquilo que subentende o sintoma em seu transvestimento (DOR, p.14, 1994).*

A escuta da psicanálise é a escuta do modo como o sujeito ama, com tudo o que é seu, percebendo de que forma esse modo de amar vai configurar as relações que ele estabelece no seu viver.

Nessa perspectiva, pode-se compreender a psicopatologia como sendo o modo de amar que seja gerador de sofrimento (e gozo) para quem ama e para quem é amado, ressaltando que o amor e o ódio são fundantes do sujeito. O sintoma é decorrente de uma rede de associações e significações, como algo que prende o sujeito em cadeias de repetição que o aprisionam numa lógica pessoal.

Nas relações há algo que é da ordem do desejo e da demanda do sujeito. O que é desejo? O que é demanda?

Para esclarecer esses conceitos partimos para a origem do psiquismo humano. Essa origem se dá na primeira relação amorosa estabelecida pelo bebê humano. Desde o início, o que existe é sempre uma **relação**. O sujeito humano se constitui no espaço vazio entre o bebê e o mundo, no espaço da falta. Diferentemente dos demais organismos vivos que são organismos de necessidade, o sujeito humano é um sujeito de demanda.

No mundo da natureza, a relação com o objeto se dá de forma imediata, direta, onde o objeto irá satisfazer o instinto, não se estabelecendo uma relação com permanência, com memória. O objeto serve tão só para a satisfação do instinto, sendo a necessidade definidora da relação.

O bebê humano, por sua vez ao receber, por exemplo, o leite materno estará significando esse ato: o leite será leite e será também amor. Será uma relação mediada entre o sujeito e o objeto. O sujeito humano estará se constituindo nessa transformação da

fome em demanda por amor, nessa significação. Para Kaufmann (1996), o ser humano deseja porque a satisfação de suas necessidades vitais passa por um apelo dirigido a um outro, o que de imediato altera a satisfação, transformada assim em demanda de amor. A necessidade transforma-se em demanda **na relação** – demanda da presença do outro com tudo o que o constitui.

A demanda, para o bebê é tudo aquilo que ele passa a ver no outro como possibilidade de lhe proporcionar **satisfação**. A satisfação passa a atravessar a demanda. Para essa satisfação é necessária a relação com o objeto. Para Zimmerman (2001, p.98), “o verdadeiro significado da demanda é um pedido desesperado por reconhecimento e por amor para preencher um antigo e profundo vazio de origem narcisista”

Mas existe miticamente um objeto faltante que é o objeto puro, e é essa falta que move o desejo de buscar a satisfação, é a força motriz do crescimento humano. Somos seres da falta, pois não conseguimos trazer o outro da demanda para o lugar do objeto que falta. Esse objeto do desejo é o objeto “vestido” por uma significação gerada pela demanda (que é sempre de amor). Essa falta é que nos introduz na categoria de humanos, essa falta é estruturante do sujeito.

Mas afinal, qual é o desejo verdadeiro do sujeito humano? Podemos dizer que é o desejo da total fusão com o objeto, a fusão simbiótica, é não ter demandas a serem satisfeitas. O desejo se funda na falta, na percepção do “eu não tenho”. O Falo é o objeto simbólico que toma o lugar do objeto faltante.

O bebê, ao nascer, nasce num mundo que já é um mundo simbólico e que passa a exercer sobre ele toda sorte de influências. É nessas diversas **relações** com o mundo interno e externo que o bebê vai constituindo a sua forma de reagir ao que o afeta. Seu primeiro desejo é de ser amado por isso passa a desejar SER o objeto de desejo da mãe, o falo da mãe. No momento em que o bebê **é** o falo da mãe, ele se enche de plena satisfação. É um momento de plena simbiose para o bebê.

A partir do momento em que a mãe direciona seu desejo para um terceiro, esse terceiro é entendido como aquele que será o falo. Daí em diante, o bebê deverá passar a desejar TER o falo e não mais SER o falo. Quando esse terceiro se coloca, ocorre a castração que é fundamental para a estruturação do humano. O direcionamento do desejo da mãe para o terceiro faz a passagem da dimensão do ser para a dimensão do ter. A mãe então passa a ser vista como castrada, pois desejosa está daquele que, para o bebê, é o portador do falo: se deseja é porque não o tem... E a partir daí a angústia se instaura na dúvida de

tendo, poder perder... Essa dimensão da angústia da castração será responsável pelo desenvolvimento de uma gama de estratégias defensivas para lidar com ela.

A partir das diferentes formas de lidar com a castração, o sujeito vai estruturando-se, vai desenvolvendo formas mais ou menos saudáveis de estabelecer e vivenciar relações, vai definindo sua forma de funcionar diante da vida.

Para poder compreender a forma como o sujeito se estruturou, para realizar um psicodiagnóstico em psicanálise será pouco provável que se utilize tão somente a classificação dos sintomas apresentados ou até a determinação dos mecanismos de defesa utilizados. **O psicodiagnóstico acontece no próprio processo psicanalítico, no respeito ao tempo do sujeito de se desvelar no ambiente protegido de escuta.**

## **Referências**

APONTAMENTOS das discussões promovidas pela psicanalista Dr<sup>a</sup> Rejane Czermak. Seminário de Psicopatologia II, Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, agosto a dezembro de 2013.

DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1994.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ZIMERMANN, D E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.